

Fora das FMs

Mario Nery*

Duas horas da manhã. Sábado, São Paulo. No porão.

Um *punk*, cabelos espetados de gumex e corrente na cintura, dança, pula, esbarrando nas pessoas. A música é do *The Smiths*, grupo de *rock* britânico pós-*punk*. Entre o chão e o teto de cimento cru, o ambiente é quente e esfumado, os exaustores não dão conta da circulação de ar. O *punk* pára de dançar. (Agora toca *B-52*, conjunto americano *new-wave*). Ele veste um sobretudo que tinha deixado no chão (é preto e vai até os joelhos) e sai da pista. Entra numa saleta ao lado, decorada com sofás velhos e pneus de caminhão e telas de TV grafitadas, com o nome *Estação Madame Satã*.

Na pista abarrotada, uma garota, cabelos bem curtos pintados de loiro, dança sozinha com um copo de vodka na mão. O vestido é um canudo preto colado ao corpo, e ela gira sobre ele, sacode as ancas e sorri para os lados, satisfeita com sua *performance*. Num canto, outra garota, boneca chinesa de quimono vermelho e lábios lilases, dança em movimentos comedidos, delicados, quase cerimoniais, como se ouvisse uma música pentatônica. Mas é o David Bowie que toca.

Outro cara, de cinto com *J* maiúsculo na five-la, sapato afinado no bico e cabelos alinhados, toma cerveja encostado à parede e assiste às dezenas de pessoas que dançam freneticamente. Com as luzes estroboscópicas relampejando no salão, elas parecem estar eletrizadas, fazendo movimentos que se interrompem com os momentos escuros do *flash*. Toca um som de *Bauhaus*, que não se ouve nas FMs. O *rock* é pulsante, como os *flashes* do estrobo, como os movimentos das pessoas...

Luzes estroboscópicas, fumaça e música *punk* constroem o paraíso de Madame Satã, num porão da Paulicéia.

* Mario Nery é jornalista.

Seu patrono, e famoso malandro *Madame Satã*, homossexual e negro que dominava a Lapa carioca.

Lá em cima.

Sobre tudo isso está um salão com algumas mesas espalhadas, sofás, um divã e um balcão de bebidas. Há também uma cozinha, onde são preparados sanduíches e lanches. Ela dá saída para um pátio descoberto, também com mesas, que fica cheio quando faz calor.

No salão, o *punk* da capa subiu, deitou no divã e parece indiferente à movimentação do ambiente. Vários grupos de pessoas conversam, gesticulam, sorriem, dão gargalhadas, e poucas voltam os olhos para cima quando uma mulher que está lá solta um grito forte estridente. Foi a Mulher do Repolho que gritou. Ela fica dentro de uma jaula, todas as noites, comendo repolho. A jaula fica acima da porta de entrada, é uma espécie de micropalco ladeado por colunas de madeira que formam bicos no teto, como os das mesquitas orientais. O grito da mulher é uma *intervenção*. Impossível não reparar nele. Como também é impossível não sentir nada de diferente neste lugar. A Mulher do Repolho continua comendo lentamente o seu repolho, instigando as pessoas com gestos, caretas e olhares.

Na parede ao lado esquerdo de quem entra, lê-se, em enormes letras de neon vermelho, *Madame Satã*. O nome é de um personagem legendário do cenário *underground* carioca dos anos 30 e 40. Negro, valente, malandro e homossexual, Satã era senhor da antiga Lapa. Muitas são as histórias a seu respeito: que era homem nuns dias da semana e mulher noutros, que batia em vinte de uma vez, que era toxicômano e bom cozinheiro.

Pois ele é o “padroeiro” da *Estação Madame Satã*. Um lugar que não pode ser definido nem como bar nem como danceteria ou boate. Na verdade, *Estação* caiu-lhe perfeito. Sobre a palavra, diz o dicionário: “Estada ou paragem num lugar; onde param os trens, carros e navios; quadra de ano, temporada, oportunidade; prática religiosa; as quatro estações do ano, etc.”.

Pela diversidade de tipos que se encontram no *Madame Satã*, dá para dizer que lá não só param trens, carros e navios, como também aviões,

submarinos, naves espaciais e até mísseis atômicos. Embora seja divulgado por aí como um "lugar *punk*", ele é freqüentado por nativas das mais diversas tribos sediadas na Paulicéia: *punks*, *ex-hippies*, *new-wavers*, existencialistas, freudianos e jungianos, jornalistas e cineastas, apocalípticos e integrados, galeras dos jardins, da Henrique Schaumann e de Moema, músicos, *gays*, indefinidos, pobres, ricos e medianos.

Quem freqüenta o *Satã* há algum tempo afirma que já passou por inúmeras "oportunidades" e viu incontáveis e distintos fenômenos que marcaram várias "estações". *Shows* de grupos de *rock*, peças de teatro, exposições de arte, *performances* interventivas, festas-*shows*, desfiles e outras coisas mais.

Lá se realizou a primeira leitura ao vivo do poema "Uivo", do poeta *beatnik* Allen Ginsberg, feita por Claudio Willer, também poeta e ensaísta. Na mesma época Willer foi convidado para preparar e prefaciá-lo a edição brasileira de *Uivo, Kadish e outros poemas*, de Ginsberg.

A "prática religiosa" também se incorpora ao "astral" Madame Satã. A *Estação* foi inaugurada em outubro de 1983 pelo ator e ex-seminarista Wilson José, que a concebeu como espaço de transgressão, um templo dedicado ao corpo e ao espírito, ao sagrado e ao profano, ao intelecto e às várias manifestações da arte. A inauguração durou um mês, ao longo do qual artistas e intelectuais "batizaram" o templo, consagrando seus diversos espaços a personalidades do mundo artístico e cultural. O poeta Claudio Willer, por exemplo, dedicou os quatro pontos cardeais da casa a Allen Ginsberg, André Breton, Garcia Lorca e Octávio Paz. Paulo Herculano, músico, padrinho do espaço "porno-erudito", dedicou-o a Dercy Gonçalves e a Décio Pignatari. A *Estação* foi ainda apadrinhada por uma mãe-de-santo e por um "Corpo de Bruxos", pessoas ligadas principalmente ao meio teatral e que formaram uma espécie de "conselho consultivo" da casa.

Embora idealizada por atores (além do Mestre de Cerimônia, Wilson, "o *Satin*", a *Estação* é

Canalizando as freqüências fora das ondas, o *Madame Satã* é um templo que não pode ruir.

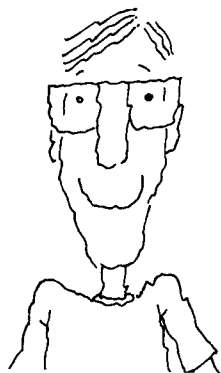
também comandada por Willam, artista plástico, Miriam, atriz, e o produtor Zé Cláudio), o *Madame Satã*, segundo o próprio Wilson, é um antiteatro, que simboliza a ruptura. “Não é um espaço alternativo, mas *alterativo*. Catalisa todos os desejos e taras de seu tempo.”

Na opinião dos *punks*, o *Satã* é um dos últimos “potes”: “Se ele se quebrar”, dizem, “todos ficamos ao relento”. Wilson explica que é por esse motivo que eles nunca foram vistos quebrando alguma coisa lá dentro. Para os *punks*, o *Satã* também é um templo...

Um lugar onde cada um veste e exercita a fantasia que quiser como quiser.

Mas por trás da frase dos *punks*, dos gritos da Mulher do Repolho, do som que não toca nas FMs, enfim, de tudo o que caracteriza o *Madame Satã* como um lugar diferente de outros procurados no velho bairro do Bexiga nos fins de semana paulistanos, existe um aspecto fundamental, que atrai a gregos e goianos. É algo que responde a um anseio comum dos diversos grupos de pessoas que por lá aparecem: a possibilidade de cada um se expressar da maneira que quer. Na vida cotidiana, as pessoas são forçadas a vestir a máscara que melhor as ajusta ao meio social, amalgamando características do *eu* e do *outro* nessa máscara. Acontece que muitas vezes o *outro* fica muito mais forte, pesado, e desequilibra o amálgama.

Pois o *Madame Satã* é o lugar dos descontentes com esse desequilíbrio. É onde cada um tem a possibilidade de usar a máscara com a qual se sente melhor, a mais expressiva de suas fantasias (emprego o termo *máscara* porque ele representa bem o pique do Satã). E é o componente artísti-



co, origem da idéia *Madame Satã*, que catalisa essas fantasias. A partir dele se instaurou um espaço aglutinando teatro, dança, música, vídeo-arte, artes plásticas, códigos gestuais, visuais e de comportamento que escapam das FMs, isto é, das *Freqüências Moduladas* (ou *Modeladas*) *Sociais*.

O Satã é uma estação que não sintoniza com a Constituinte. Para Wilson, as adesões a campanhas políticas recentes não passam de “oportunismo de *merchandising*”, sem conseqüências políticas reais. “As pessoas deixam de questionar o próprio rabo para conjecturar sobre o destino da Lua”, diz o Satin. “Prefiro festejar o dia da padroeira do Brasil, promovendo uma romaria, a compactuar com o *merchandising* político.”

Mas o pique do *Satin* ainda vai mais além. Ele redige um fanzine mensal da *Estação*, com matérias sobre música, cinema, teatro, etc. E recentemente conseguiu que uma gravadora produza um disco com músicas tocadas no *Satã*.

E daí surge a pergunta: a *Estação* vai continuar fora das FMs? Wilson diz que sim. Ele reafirma que sua idéia não é montar um esquema de produção alternativo, mas criar uma *marca* de transgressão. Mesmo que precise de patrocinadores para isso, o *Satã* não deixará de ser o espaço das mutações, dos eventos únicos, aglutinador “dos desejos e taras do seu tempo”. E qual quer que seja o tempo, ou estação, uma coisa é certa: sempre haverá o que ser mudado, transformado, transgredido, pois sempre haverá desejos fora de sintonia. ★

Até quando será possível permanecer fora das FMs? É um desafio que o pessoal do *Satã* jura que é capaz de encarar.

